

“As cisternas são uma benção”



A agricultora Maria José Moreira da Silva, da comunidade Alagamar dos Lourenços, município do Seridó - PB, iniciou a produção no roçado, logo que se casou em 1997. A família foi morar em Alagamar do Valente, no mesmo município. A agricultora conta que só depois do nascimento do primeiro filho, Renilson, em 1998, conseguiu comprar com o auxílio - maternidade: um fogão, um armário, o enxoval e as primeiras galinhas.

Um ano depois, em 1999, nasce o segundo filho, Ranelson, e novamente com o Auxílio-Maternidade ela realiza a compra do material para iniciar a construção da casa, onde moram hoje. A casa foi construída em Alagamar dos Lourenços, na propriedade da família dela, a terra tem 18 hectares, ela trabalha em 2 hectares.

Relata que finalizou a construção da casa em 2002, depois do nascimento de uma das filhas, Camila. Também nesse período, entre 2002 a 2004, começou a criar porcos. Em 2007, nasce Cecília, também com o dinheiro do auxílio - maternidade, ela amplia a casa e faz compras de utensílios domésticos.

A história da família toma um novo rumo em 2008, com a chegada das cisternas: de água de beber e em 2012, com a de água para produção - Cisterna Calçadão, através da assessoria do Patac, do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar e do Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC e P1+2) da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA).

Para Maria José, a chegada das tecnologias sociais foi o que mudou a sua vida “As cisternas são uma benção”, diz ela, emocionada. “Antes eu buscava água num poço, a quase três quilômetros, na comunidade Boa Vista, já perto da pista. Depois da cisterna consegui um certo conforto, pois a água estava no terreiro de casa”.

A chegada da segunda água permitiu que ela começasse a produzir alimentos para o consumo e para vender na vizinhança. Em 2018, Ranelson ingressou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no curso de Licenciatura em Matemática, ele foi o primeiro da família a ingressar no ensino superior. Todo lucro com a venda das hortaliças serviu para custear as despesas com o aluguel e alimentação dele em outra cidade, hoje, ele é professor no município. “Tem gente que não dá valor nenhum a essas cisternas, mas é porque não sofreram, não sabem o que é pegar água longe ou não ter água para nada”, disse Maria.

Nos roçados planta: milho, feijão e macaxeira para o consumo. As sementes também são para estocar no Banco de Sementes Familiar e Comunitário. Guarda sementes de feijão sempre verde, de milho baixinho, melancia e jerimum. Ela participa da associação e já fez parte do Fundo Rotativo Solidário (FRS) de tela. Lembra que as primeiras telas veio junto do caráter produtivo da Cisterna do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).



Atualmente, tem produzido: Cebola, coentro, pimentão, tomate... Ela continua criando porcos, disse que os últimos foram presente de Ranelson. Também cria: pato, ganso, pavão, galinhas. Consome e vende as galinhas e os ovos. Chega a vender de 50 a 60 ovos por mês na comunidade, e nem precisa sair de casa, porque os clientes vão até ela. O casal de pavão e os filhotes fazem parte de um bem afetivo, foram deixados por sua mãe, que faleceu em 2022, desde então, ela cuida. Disse que geralmente as penas ela dá às pessoas da comunidade e vende os filhotes.

Maria José tem 47 anos e o que ela mais deseja nesse momento é ter saúde, explica que nos últimos dois anos tem enfrentado problemas de saúde. Desde o ano passado (2024) ela vem sendo apoiada pelo Projeto Quintais das Margaridas, novamente uma ação do Patac, do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar e da ASA, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), por meio do Programa Quintais Produtivos das Mulheres Rurais, e apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Em 2025, com o apoio do Projeto, ela vai construir um galinheiro com o objetivo de melhorar o manejo das aves e fortalecer a criação de galinhas, a produção dos ovos e a comercialização.